

## XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

### GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

#### DO SOM AO SABER: MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO PODCAST

#### *FROM SOUND TO KNOWLEDGE: INFORMATION MEDIATION IN PODCASTS*

**Layane Feifer Calixto Janjacom** – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

**Rovilson José da Silva** – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

#### **Modalidade: Resumo Expandido**

**Resumo:** este trabalho analisa a oralidade na comunicação científica por meio dos podcasts, destacando a voz como elemento central na mediação do conhecimento em um contexto de transformações tecnológicas. Discute conceitos vinculados ao leitor imersivo, à voz explicativa e à oralidade, articulados à convergência midiática e à hibridização tecnológica. De natureza básica e abordagem qualitativa, o estudo realizou reflexão teórica por meio de pesquisa bibliográfica. Conclui-se que o podcast, ao combinar voz, recursos narrativos e tecnologias, configura-se como espaço dinâmico de mediação da informação, favorecendo comunidades de conhecimento, promovendo uma comunicação científica mais inclusiva, acessível e significativa.

**Palavras-chave:** oralidade; *podcast*; mediação da informação.

**Abstract:** this work analyzes orality in scientific communication through podcasts, highlighting the voice as a central element in the mediation of knowledge within a context of technological transformations. It discusses concepts related to the immersive reader, the explanatory voice, and orality, articulated with media convergence and technological hybridization. With a basic nature and a qualitative approach, the study carried out theoretical reflection through bibliographic research. The conclusion is that the podcast, by combining voice, narrative resources, and technologies, is configured as a dynamic space for the mediation of information, fostering knowledge communities and promoting a more inclusive, accessible, and meaningful scientific communication.

**Keywords:** orality; *podcast*; information mediation.

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas e midiáticas contemporâneas têm reconfigurado profundamente as formas de produzir, circular e acessar o conhecimento. Nesse cenário, os podcasts emergem como ambientes comunicacionais híbridos que articulam oralidade, mobilidade e engajamento afetivo, renovando as práticas de comunicação científica. Sua força

reside na simplicidade da escuta e na complexidade das mediações que promove, especialmente por meio da voz, que transmite não apenas conteúdo, mas também presença, ritmo, subjetividade e sensibilidade (Bortolin, 2010).

Historicamente ancorada na escrita formal e em suportes impressos, a comunicação científica tem se deslocado também em direção a linguagens mais acessíveis, narrativas envolventes e experiências de escuta que favorecem a compreensão e a participação ativa. No ambiente digital, esse movimento pode ser compreendido à luz de conceitos como o leitor imersivo (Santaella, 2004), a voz explicativa (Campbell, 2005) e a carnalidade da voz (Zumthor, 2001 *apud* Bortolin, 2010), que ajudam a concernir como a oralidade mediada adquire potência estética, formativa e relacional.

Simultaneamente, o fenômeno da convergência midiática (Jenkins, 2022) e os processos de hibridização entre plataformas e linguagens (Santaella, 2005) favorecem o surgimento de formatos comunicacionais que dissolvem fronteiras entre mídias, ampliam o alcance do conhecimento e reconfiguram os modos de escuta e interlocução. Nessa ambiência expandida, a mediação da informação assume dimensões estéticas, dialógicas e formativas, como propõe Gomes (2020), ao reconhecer a escuta como espaço de construção coletiva de sentidos e ativação do pertencimento.

## **2 PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Esta é uma pesquisa de natureza básica, com objetivos exploratórios e descritivos, conduzida por meio de uma abordagem qualitativa e de um procedimento bibliográfico. Fundamentada em análise conceitual e articulação teórica, busca compreender como o podcast atua como dispositivo de mediação da informação científica, com foco na oralidade, na voz e na escuta como elementos que configuram essas experiências sensíveis, estéticas e formativas.

A abordagem qualitativa é justificada pelo fato de que este estudo se debruça sobre processos simbólicos, experiências sensíveis e mediações discursivas, centrando-se no entendimento e na interpretação dos fenômenos. O percurso metodológico prioriza, assim, a construção de um referencial crítico voltado à escuta como prática epistêmica e relacional, apoiando-se em autores como Santaella (2004, 2005, 2007), Bortolin (2010), Gomes (2020), Ong (1998), Jenkins (2022) e Campbell (2005).

### 3 ORALIDADE E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A oralidade constitui uma das formas mais ancestrais de transmissão de conhecimento, anterior à escrita e fundamental para a construção da memória coletiva das sociedades humanas. Desde as comunidades tribais até os centros filosóficos da Grécia Antiga, o saber circulava primordialmente pela fala: espontânea, performática e situada no tempo presente.

Na comunicação científica, a presença da oralidade permaneceu ativa mesmo com a consolidação da escrita, atuando como forma complementar de difusão e preservação do conhecimento. Nos diálogos socráticos, nos debates públicos em Atenas ou nos discursos em academias medievais, a ciência era vivida também como experiência oral.

Walter Ong (1998) reforça essa primazia da fala ao afirmar que, a expressão oral pode existir e na maioria das vezes existiu sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem a oralidade. Para o autor, todos os textos escritos estão, direta ou indiretamente, vinculados ao mundo sonoro, “hábitat natural da linguagem”. A leitura, mesmo silenciosa, evoca o som, seja pela voz imaginada, seja pela sonoridade mental das palavras. A escrita, assim, configura-se como um “sistema secundário”, dependente de um sistema linguístico anterior e mais fundamental: a linguagem falada.

Essa dualidade entre fala e escrita é retomada por Targino e Torres (2014), ao apontarem que a comunicação científica, mesmo antes de se consolidar como prática documental e formalizada, já exercia papel estruturante nas sociedades, sendo essencial à circulação das descobertas e à construção coletiva do conhecimento. Em perspectiva histórica, Meadows (1999) destaca que, ao longo do tempo, distintas tecnologias, da oratória à prensa de Gutenberg, ampliaram o alcance da ciência, mas não eliminaram a centralidade da oralidade como espaço de troca imediata, reflexão coletiva e adaptação ao receptor.

Ong (1998) distingue duas formas da oralidade: a ancestral, marcada pela presença física, improvisado e afetividade da voz direta; e a nova oralidade, mediada por dispositivos tecnológicos que estendem o alcance da fala sem eliminar sua dimensão sensível. Essa nova oralidade, portanto, incorpora recursos digitais como os podcasts, nos quais a voz humana se entrelaça a estratégias narrativas e sonoras para comunicar ciência de modo dinâmico, acessível e envolvente.

O podcast, nesse sentido, configura-se como ambiente de retomada da oralidade,

ainda que mediada por plataformas digitais. Ao contrário de registros escritos lineares, sua linguagem é flexível, pautada pela escuta, pelo ritmo e pela entonação. Como observa Campbell (2005), a voz explicativa nos podcasts atua não apenas como condutora de conteúdo, mas como mediadora que guia, interpreta e envolve o ouvinte, essa voz carrega uma carnalidade, uma presença sonora e corpórea que torna a comunicação mais humana e significativa (Zumthor, 2001 *apud* Bortolin, 2010).

Essa dimensão física da fala, que se manifesta por meio de timbre, pausas, respiração e musicalidade, torna-se central para entender o podcast não apenas como ferramenta técnica, mas como espaço estético e sensorial de mediação. É nessa intersecção entre ancestralidade e inovação, entre oralidade e convergência digital, que a comunicação científica ganha novos contornos, conectando a tradição da fala à contemporaneidade dos formatos mediados.

#### **4 A LINGUAGEM ENCARNADA E A CARNALIDADE DA VOZ**

A comunicação científica mediada pelo podcast convoca não apenas uma escuta racional, mas uma experiência sensível, estética e corpórea. Para compreender essa dimensão, é necessário articular os conceitos de linguagem encarnada (Santaella, 2005) e carnalidade da voz (Zumthor, 2001 *apud* Bortolin, 2012), que juntos delineiam um entendimento da oralidade como prática viva, situada e afetiva.

Segundo Santaella (2004), a linguagem só se concretiza quando toma forma em um suporte material que a torne perceptível aos sentidos, seja pela palavra impressa, pela imagem, pelo corpo ou pela voz. Mesmo nos ambientes digitais, onde não há presença física direta, a linguagem permanece encarnada, pois depende de uma forma sensível para se manifestar e produzir sentido.

A autora enfatiza que não existe linguagem desencarnada, já que todo processo comunicacional exige um corpo, ainda que simbólico ou eletrônico, que sustente a expressão e a recepção da mensagem. No caso do podcast, essa encarnação ocorre por meio da voz, uma presença acústica e afetiva que carrega timbres, respirações, pausas e ritmos.

Portanto, a linguagem – cuja função primordial é a mediadora e, só por isso, pode ter função comunicativa, pois não haveria comunicação se não houvesse o que comunicar – é sempre linguagem encarnada, mesmo que essa carne seja a do sonho, de uma película fílmica, de elétrons que bombardeiam uma tela (Santaella, 2007. p. 191).

É nesse contexto que o conceito de carnalidade da voz, apontado por Bortolin (2012),

aprofunda a discussão. Para a autora, a voz humana não apenas informa: ela afeta, envolve, acolhe e mobiliza. Sua corporeidade sonora transforma o ato de escuta em uma experiência sensível e subjetiva. Mesmo quando gravada, a voz mantém sua força performativa, sendo capaz de instaurar um espaço íntimo e relacional, onde o conhecimento científico é vivenciado, interpretado e sentido.

Ao articular as ideias de Santaella e Bortolin, constata-se que a voz no podcast é mais do que veículo de transmissão: ela é linguagem encarnada que produz presença e, também, voz carnal que toca o ouvinte, provocando um engajamento que é ao mesmo tempo cognitivo, sensorial e afetivo. Nesse cenário, a escuta se torna um espaço fértil para a mediação da informação, em que a ciência é compartilhada não apenas como conteúdo, mas como vivência.

É também nesse espaço que emerge o conceito de voz explicativa, formulado por Campbell (2005), que atua como instrumento de mediação interpretativa. Diferente de uma leitura neutra ou meramente descritiva, essa voz organiza, enfatiza e conduz o ouvinte, adaptando-se às suas necessidades cognitivas e emocionais. Tal voz age como instância de tradução e contextualização, tornando o conteúdo compreensível ao mesmo tempo em que constrói vínculos de confiança, proximidade e engajamento.

Na convergência dessas abordagens, compreende-se que a mediação da informação científica via podcast não se restringe ao conteúdo transmitido, mas se realiza principalmente na forma como esse conteúdo é vocalizado, performado e estruturado narrativamente. A linguagem encarnada, nesse contexto, é a própria voz em ação - viva, sensível, significativa.

E é essa presença vocal que restabelece a proximidade entre ciência e público, não apenas pelo que diz, mas pelo modo como diz.

## **5 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DIALÓGICA: ESCUTA, VOZ E PERTENCIMENTO NO PODCAST**

A mediação da informação, conforme desenvolvida por Gomes (2020), deve ser compreendida como uma ação intencional e situada, orientada por cinco dimensões fundamentais: dialógica, estética, formativa, ética e política. Cada uma dessas dimensões contribui para que a mediação deixe de ser um mero processo de transmissão e se configure como prática comunicacional comprometida com a escuta, a partilha e a formação dos sujeitos envolvidos. No interior dessa proposta, a mediação é entendida como campo de

relações que acolhe a pluralidade de vozes e promove o protagonismo informacional.

A dimensão estética, nesse contexto, não se restringe à fruição sensorial, mas diz respeito à criação de ambiências que favorecem o encontro significativo com a informação, encontros que geram pertencimento, ativam a criatividade e fertilizam o terreno para a emergência do conhecimento compartilhado. Quando essas experiências são intensas e intersubjetivamente vividas, tornam-se catalisadoras de processos formativos e ampliam os horizontes cognitivos e existenciais dos sujeitos.

Esse entendimento dialoga com a concepção de estética tecnológica proposta por Santaella (2007), segundo a qual os dispositivos contemporâneos não apenas medeiam a informação, mas carregam em si um potencial expressivo, capaz de acionar a rede de percepções sensíveis do receptor. Esses efeitos estéticos, presentes em publicidades, documentários, imagens híbridas, sonoridades circundantes, entre outros, ampliam e refinam o poder de apreensão do que se apresenta aos sentidos.

Assim, o podcast, enquanto artefato técnico e estético, atua sobre a sensibilidade do ouvinte, não apenas pela voz, mas pela construção narrativa, pelas pausas, pelo ritmo e pela textura sonora, configurando uma ambiência que sustenta e intensifica a mediação. A mediação estética, portanto, sustenta-se na criação de ambientes informacionais que geram vínculos, despertam sensibilidade e possibilitam a emergência de interpretações singulares e afetivamente ancoradas.

A dimensão dialógica é a base de toda ação mediadora: “sem a dialogia, não é possível realizar a mediação da informação”, afirma Gomes (2020, p. 12). Isso implica reconhecer que toda mediação deve garantir espaço real de escuta e expressão, acolhendo as singularidades dos sujeitos envolvidos e promovendo a construção coletiva do sentido. A mediação dialógica exige do mediador sensibilidade para identificar essas vozes, compreendê-las em seus contextos e criar oportunidades para que se tornem protagonistas do processo informacional.

É nessa perspectiva que o podcast se insere como um dispositivo informacional dialógico. Por meio da oralidade mediada, ele amplia a ambiência da informação, ultrapassando barreiras físicas e projetando espaços de escuta e pertencimento. A escuta, no podcast, não é passiva: ela mobiliza afetos, ativa memórias, provoca reflexões e pode desestabilizar conhecimentos prévios, condição essencial, segundo Gomes (2020), para o surgimento de zonas de desenvolvimento proximal. A voz que chega ao ouvinte com seus ritmos, pausas, timbres e estilos cria uma ambiência comunicacional propícia ao engajamento

crítico, acolhedor e formativo.

A mediação da informação no podcast articula dimensões estética e dialógica em uma prática que, em vez de simplificar conteúdos, cultiva o encontro entre saberes, experiências e modos de compreender o mundo. Ao valorizar a escuta, ao sustentar a interlocução e ao favorecer a apropriação ativa da informação, o podcast se torna um ambiente de formação crítica e coletiva, no qual a ciência é partilhada, sentida e ressignificada.

## **6 CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA, HIBRIDIZAÇÃO E HIPERMÍDIA: A LINGUAGEM DO PODCAST**

A emergência do podcast como prática comunicacional está profundamente entrelaçada aos processos de convergência midiática e hibridização tecnológica. Jenkins (2022), ao retomar os estudos de Ithiel de Sola Pool, define a convergência como a fusão dinâmica entre diferentes tecnologias e plataformas de comunicação, rádio, televisão, texto impresso, redes digitais, que passam a operar em conjunto, dissolvendo as fronteiras entre os meios e promovendo novas formas de produção, circulação e consumo de conteúdo. Nesse ambiente, o conteúdo se desloca entre suportes, enquanto os sujeitos ocupam papéis múltiplos de produtores e receptores.

O podcast encarna esse princípio ao combinar a oralidade tradicional com as possibilidades interativas e móveis da cultura digital. Ele representa, assim, um formato híbrido que recupera a presença da voz enquanto incorpora dispositivos técnicos que ampliam sua circulação, escuta e potencial de engajamento. Contudo, como aponta Santaella (2004), a convergência não deve ser pensada apenas em termos técnicos ou funcionais: trata-se também de uma confluência cultural e histórica, em que linguagens e práticas ancestrais, como a narração oral, se fundem com tecnologias emergentes, produzindo novas experiências comunicacionais.

Para Santaella, o resultado desse entrelaçamento é a constituição de uma nova forma de linguagem que ela denomina hipermídia. Segundo a autora:

Antes da era digital, os suportes estavam separados por serem incompatíveis: o desenho, a pintura e a gravura nas telas, o texto e as imagens gráficas no papel, a fotografia e o filme na película química, o som e o vídeo na fita magnética. Depois de passarem pela digitalização, todos esses campos tradicionais de produção de linguagem e processos de comunicação humanos juntaram-se na constituição da hipermídia (Santaella, 2004, p. 101).

A hipermídia, portanto, não é apenas a justaposição de códigos ou suportes, mas uma linguagem composta e expandida, em que múltiplas formas de expressão se articulam para

produzir sentido. Ela possibilita experiências sensoriais mais amplas, onde a recepção é atravessada por imagens, sons, palavras, interfaces e interações. A escuta, nesse cenário, não está mais isolada: ela se conecta a plataformas de busca, redes sociais, recursos visuais e textuais, criando um ecossistema de sentidos convergentes.

Como afirma Santaella:

O primeiro grande definidor da hipermídia está na hibridização das matrizes de linguagem e pensamento, nos processos sógnicos, códigos e mídias que ela aciona e, conseqüentemente, na mistura de sentidos receptores, na sensoriedade global, sinestesia reverberante que ela é capaz de produzir na medida em que o receptor ou leitor imersivo interagem com ela, cooperando na sua realização (Santaella, 2004, p. 103).

No *podcast*, essa “sensoriedade global” manifesta-se por meio da experiência da escuta encarnada: a voz que interpela, o ritmo que conduz, o silêncio que carrega sentido. Mesmo sendo, à primeira vista, uma mídia de linguagem única (o som), o *podcast* ativa um modo sinestésico de recepção, no qual o ouvinte visualiza, imagina, interpreta, sente. Ele se torna, como diz Santaella (2004), um leitor imersivo, que coopera na construção de sentido por meio da escuta atenta e da sensibilidade à linguagem vocal.

O *podcast* é mais que um exemplo da convergência midiática, ele é também um ambiente hipermidiático em sua própria materialidade sonora. Mesmo operando prioritariamente com o som, ele dialoga com outras linguagens e aciona processos sensíveis que conectam memória, cognição e afeto. Sua força está justamente na capacidade de transformar a escuta em experiência multimodal, onde o saber se torna próximo, encarnado e compartilhável.

O saber científico, para cumprir plenamente sua função social, precisa ultrapassar os limites da academia e alcançar a sociedade em sua diversidade de públicos. Esse movimento exige que o conhecimento seja traduzido em linguagens compreensíveis, situando-se no cotidiano e dialogando com diferentes contextos culturais. É nesse ponto que a popularização da ciência se torna uma dimensão indissociável da mediação da informação, pois vai além da simples veiculação de resultados de pesquisa: trata-se de promover um processo de tradução e adaptação que permita à ciência ser apropriada socialmente.

Batista e Farias (2022) ressaltam que tanto a divulgação quanto a popularização da ciência derivam da necessidade de aproximar a sociedade dos avanços produzidos nas instituições de pesquisa, colocando o discurso científico sob o crivo da participação social e do diálogo.

Nessa mesma direção, Germano e Kulesza (2007) destacam que popularizar a ciência significa convertê-la em ação cultural a serviço das majorias, rompendo com a passividade da simples transmissão.

O *podcast Momento Tecnologia*, produzido pela Rádio USP, exemplifica como a mediação da informação e a popularização da ciência podem se materializar no formato sonoro. Com episódios curtos, de linguagem clara e estrutura objetiva, o programa traduz pesquisas e inovações tecnológicas para públicos diversos, preservando a precisão científica sem abrir mão da acessibilidade.

A escolha por uma voz explicativa, em tom didático e próximo, facilita a compreensão de termos especializados e conecta o conhecimento acadêmico às situações cotidianas, favorecendo a identificação do ouvinte. Além disso, a narrativa breve e direta amplia o potencial de circulação em plataformas digitais, alcançando desde a comunidade universitária até ouvintes leigos interessados em tecnologia. Trata-se de um exemplo concreto da função do *podcast* como espaço de mediação em suas dimensões, onde a voz não apenas transmite informação, mas cria vínculos, desperta curiosidade e estimula a reflexão crítica.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo procurou evidenciar que, na era da convergência midiática e da saturação visual, a escuta ressurge como experiência central na mediação da informação científica. O *podcast*, ao mobilizar a oralidade mediada, a linguagem encarnada e a carnalidade da voz, transforma-se em um ambiente comunicacional sensível, capaz de envolver o ouvinte em experiências cognitivas, afetivas e relacionais que ultrapassam a simples transmissão de conteúdo.

A partir das contribuições de Ong (1998), Santaella (2004, 2005, 2007), Bortolin (2010), Jenkins (2022) e Gomes (2020), compreendemos que a voz não atua apenas como canal, mas como presença, como instância de afetação e como gesto de construção compartilhada de sentido. A linguagem falada, ao ser gravada, narrada, explicada ou encenada em podcasts, adquire um novo estatuto: ela não apenas comunica, mas convoca. Convoca à escuta atenta, à interpretação ativa, ao pertencimento discursivo e à construção do conhecimento como prática coletiva.

O *podcast* não é, portanto, apenas um produto da cultura digital: é também uma resposta a ela. Uma resposta sensível, encarnada e relacional, que atualiza formas ancestrais

de comunicação, como a narração oral, dentro de uma ambiência informacional expandida. Nesse ambiente, a mediação da informação se realiza como experiência estética e dialógica, sustentando encontros que desestabilizam certezas, ativam zonas de desenvolvimento e ampliam os horizontes formativos dos sujeitos.

Ao escutar um *podcast* científico, o ouvinte não apenas consome um conteúdo; ele entra em contato com uma voz que o reconhece, interpela e inclui. A escuta se torna, assim, um ato de atenção e pertencimento, onde a informação é vivida, compreendida e partilhada.

Por fim, este artigo, de caráter teórico-reflexivo, abre caminhos para futuros desdobramentos empíricos, especialmente no mapeamento das práticas de mediação realizadas por podcasts institucionais e acadêmicos. Compreender como a voz, a narrativa e a escuta são estrategicamente utilizadas para promover a formação e a circulação do conhecimento é um campo ainda em expansão, e necessário, frente às demandas de comunicação científica mais democrática, acessível e sensível à experiência dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Andreza Pereira; FARIAS, Gabriela Belmont de. Reflexões sobre a divulgação e a popularização científica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: ANCIB, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/200104>. Acesso em: 11 ago. 2025.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando**. 2010. 233f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/527fa6d4-070b-4038-90f2-06398d107df1>. Acesso em: 23 out. 2024.

CAMPBELL, Gardner. Podcasting in education. **Educause**, [S. l.], 2005. Disponível em: <https://acesse.dev/94wEh>. Acesso em: 13 set. 2024.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 7–25, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/1546>. Acesso em: 17 ago. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 1–23, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57047. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/57047>. Acesso em: 22 abr. 2025.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB**  
**Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2022.

MEADOWS, Arthur. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. *E-book*.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

TARGINO, Maria das Graças; TORRES, Názia H. Comunicação científica além da ciência. **Ação Midiática**. Curitiba, v. 1, n. 7, jan./jun. 2014. Disponível em:  
<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/36899>. Acesso em: 6 nov. 2024.